

humanitas

Vol. XXXIX-XL

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

XXXIX-XL



C O I M B R A

MCMLXXXVII-MCMLXXXVIII

A Dialéctica extensional — Sá de Miranda e Frei Agostinho da Cruz. Pese embora a opção assumida, não deixa de ser um pouco, dir-se-ia, contra-natura ver aqui o misticismo do monge da Arrábida ao lado dos pesados versos mirandinos.

Em cada um dos autores há, entretanto, linhas de força que comandam a análise: o *amor* é o aspecto mais comum (sendo, entretanto, estranho que não tenha honras de sub-título em Bernardim), bem como o *canto* (ausente, como seria de esperar, em Sá de Miranda, mas, algo imerecidamente, em Diogo Bernardes), e ainda a *natureza*, presença indispensável na poesia bucólica. Cada um tem, todavia, características que nos outros não são realçadas com a mesma intensidade: o *tempo*, em Bernardim; a *mitologia*, a par da *circunstância e diálogo cooperativo*, em Ferreira; *amor-carência e culpa* em Camões; *amor e intransitividade* em Diogo Bernardes (J.A.C.B. deixa claro nesta abordagem que o estudo destes dois autores passa, em muitos aspectos, pelo mútuo cotejo); *eu vs. outros* em Sá de Miranda (uma dimensão social sempre presente); *solidão e ascese* em Frei Agostinho da Cruz.

Neste estudo, onde o autor não se furta à assumpção de posições, nem sempre pacíficas, muitos aspectos de pormenor haveria a destacar, sendo certo que alguns deles abrirão novas pistas para ulteriores estudos sobre este género literário e estes autores: o carácter de «desterrados» dos pastores de Bernardim (p. 31), característica que, com mérito, deveria acrescentar-se aos de Diogo Bernardes; a hipótese de atribuição da *Crisfal* a um terceiro autor (nem Bernardim nem Cristóvão Falcão); a afirmação do bucolismo de Ferreira como *estético (vs. ético) e canónico (vs. idiolectal)* (p. 73); a diferença entre um Camões *da questionação* e um Sá de Miranda *da tese* (p. 121); a consideração de que neste último o espaço da Arcádia é subvertido em função da sua *pertinácia doutrinadora* (p. 146); a especificidade de Frei Agostinho da Cruz (que, repita-se, mereceria capítulo à parte, tendo em conta as conclusões que as páginas 146-165 propiciam).

Uma breve nota de sinal contrário:

— Não há qualquer alusão ao humanista português Henrique Caiado, que publicou em Bolonha, em 1501, as *Aeglogae et Syluae et Epigrammata*, obra de que a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra possui um magnífico exemplar. Sendo certo que não era esse o objectivo de J.A.C.B., em todo o caso o nome deste poeta novilatino mereceria ser citado, ao menos na Introdução ou no Capítulo I, seja pela importância dos poetas humanistas no bucolismo renascentista, seja porque Caiado era português. Além do mais este nosso humanista, no tocante exactamente às églogas, já se encontra traduzido em francês ... e em português (*Humanitas* 5-6, 1953-54, 103-187).

Nota esta que em nada desmerece o excelente mérito do presente trabalho, cujo aparecimento se saúda e cujo êxito se augura.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ

JOSÉ QUIÑONES MELGOZA, *Ramillete neolatino: Europa — México, siglos XV-XVIII*. Introducción, textos anotados y un copioso apéndice de ... México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1986. Série Didáctica, 11. 289 p.

Ramillete neolatino foi o título escolhido por J. Quiñones para esta sua obra: um título que lhe convém porque de um «ramalhete» se trata. De facto, como esclarece o autor, a recolha dos textos aqui apresentados não resultou de uma premeditada selecção do que, em seu entender, de melhor ou mais significativo se terá escrito no período de tempo e no espaço a que o título (completo) faz menção: se assim fosse, ter-lhe-ia dado o nome de 'florilégio', 'antologia', termos que, no seu étimo, simultaneamente evocam as ideias de escolha e qualidade; bem pelo contrário, os textos aqui reunidos surgiram dos acasos da investigação, e o único critério estruturador consiste no facto de todos eles serem manifestações da produção novilatina. Com efeito, nesta compilação figuram, lado a lado, textos de Poliziano, Escaligero, Daniel Heins, Glareanus, Ioannes Loeus, Thomas Farnaby, Nicolau Heinsius, Nicolás António, Eguira y Eguren, Pedro Flores, Landívar, Villanueva: textos estes que se espriam num leque temporal que vai do século xv ao século xviii.

Por sentir, talvez, que a este aglomerado de autores não presidia um critério organizativo muito definido, J. Quiñones insiste em que se trata de uma recolha perfeitamente casual (vd. p. 12). No entanto — e o autor não o esconde — é notória uma certa preocupação de simetria, já que, como veremos, do conjunto de textos em torno de Ovídio (oito), quatro são em verso, quatro em prosa, verificando-se o mesmo na «segunda parte», de temática mais variada, em que a quatro textos em verso se seguem outros tantos em prosa.

Das várias razões apontadas por J. Quiñones para a organização deste *Ramillete neolatino* uma merece particular menção: aquela que revela, no seu autor, uma preocupação de estar *à la page* com o recente movimento europeu interessado em dar aos textos novilatinos a devida projecção. Estudioso entusiasta destas matérias, J. Quiñones lamenta o estado incipiente destes estudos no México, e considera importante «dar a conocer y divulgar *didácticamente* esta clase de textos que, si bien comunes y vulgares en Europa, son de escasisimo circulacion en nuestro medio [...]» (p. 13).

Sublinhei, na citação anterior, o advérbio *didácticamente* porque ele aponta para outra razão (e característica) deste volume: a sua dimensão didáctica. Por isso, além da necessária Introdução, os textos recolhidos (de que daremos conta) estão copiosamente anotados, seguindo-se-lhes a sua tradução e ainda um «Rol de figuras y vícios lingüísticos mencionados en las notas». Uma lista da bibliografia utilizada e um índice de nomes fecham o volume.

Na Introdução (pp. 9-52) J. QUIÑONES justifica a razão de ser deste livro: com ele pretende, como foi dito, contribuir para a divulgação, no México, de um tipo de literatura a que pouca atenção tem sido dada. Para esta divulgação, contudo, é necessário que outros participem desta tarefa; e J. QUIÑONES tenta fazer neófitos, mas adverte, e com razão: o estudo dos textos novilatinos não é fácil, pois pressupõe,

antes de mais, um sólido conhecimento das letras clássicas, sem o qual não é possível, sob pena de naufrágio, aventurar-se alguém no *mare magnum* da literatura novilatina.

Feito este aviso à navegação, J. QUIÑONES passa a «demonstrar» como latim clássico e neolatim são, apesar dos laços estreitos que os unem, duas realidades diferentes. Em comparação com o latim clássico, o neolatim caracteriza-se por: 1. diferenças lexicológicas: gosto por arcaísmos, neologismos, diminutivos; 2. diferenças morfológicas: diminutas, afinal, excepção feita, talvez, à dificuldade do uso criterioso dos pronomes pessoais e possessivos da terceira pessoa (reflexo e não-reflexo); 3. diferenças sintácticas: J. Quiñones assinala a fundamental semelhança entre a sintaxe clássica e a novilatina, mas considera que os escritores novilatinos usaram o hipérbato (que define como «un efecto idiosincrásico de la lengua latina y como tal lo emplean el latín clásico y el neolatín», p. 25) de uma forma pouco natural e tendente à obscuridade; além disso, verifica-se, ainda segundo J. Quiñones, uma acentuada tendência para converter em ablativos absolutos e construções de gerúndio ou gerundivo a riquíssima gama de orações subordinadas circunstanciais do latim clássico; 4. diferenças por influência das línguas vernáculas: nesta alínea, assinalam-se algumas particularidades do neolatim mexicano que, sendo interessantes do ponto de vista folclórico, não o distanciam do restante neolatim.

A completar a Introdução, um resumo de cada um dos textos seleccionados e uma referência, em traços largos e não exaustivos, à presença dos clássicos nas composições reunidas no *Ramillete*.

Vejamos agora quais os textos aqui reunidos (1).

A colectânea inclui, numa primeira fase, oito textos (quatro em prosa, quatro em verso) que «de un modo u otro enjuician la importancia literaria de Ovidio» (p. 11). São eles:

1. *Elegia de exilio et morte Ouidii*, de A. Poliziano (séc. xv): em vinte dísticos elegíacos Poliziano imagina, comovido, a morte do poeta no exílio, afastado de familiares e amigos, desamparado do poder e dos deuses de Roma, amparado tão só dos bárbaros habitantes daquelas paragens inóspitas, mas protegidas, as suas cinzas e a sua memória, por Vénus e pelas Musas.

2. *Carmen: loquitur ipse Ouidius ad Augustum*, de J. Caesar Scaliger (séc. xvi): em seis dísticos elegíacos, Ovídio surge a lançar contra Augusto o anátema com que este o destruiu, e a confessar que, quando elogiava o imperador, seu carrasco, lhe mentia: só por isto, e não por ter sido poeta, deveria ter sido condenado.

3. *Elegia in natalem P. Ouidii Nasonis diem, ab eo proximum qui natalis Minervae*, um longo poema de 103 dísticos elegíacos, do holandês Daniel Heins (séc. xvii); de textura narrativa complexa, o poema evoca o nascimento de Ovídio, imagina-o protegido por Vénus e Amor, visitado, ao nascer, por Minerva, Apolo e as Musas, e objecto de uma profecia que lhe reserva um destino imortal como poeta; Apolo conta, de seguida, a sua infeliz história de amor e como, tendo perdido o seu (e da ninfa Sólimo) querido filho, «adoptou» o pequeno Ovídio, a quem concedeu (filho de tais pais...) a imortalidade poética.

(1) Refira-se, desde já, que os textos são sempre precedidos de uma útil nota bibliográfica, na qual são dadas informações sobre o autor e a sua obra, a proveniência do texto escolhido e as alterações nele introduzidas (essencialmente de natureza gráfica).

4. *D(omino) Domino Ignacio Suarez de Figueiroa [...] Nasonis «Tristia» Hispanice interpretanti*, poema laudatório, em vinte e seis dísticos elegíacos, de Juan de Iriarte, natural das Canárias (séc. xviii). Elogiando Suarez de Figueiroa pela sua tradução dos *Tristia* de Ovídio, Juan de Iriarte imagina que, graças a esta tradução, o Sulmonense não terminou o seu exílio lá longe, em Tomos, mas sim na Hispânia, onde (promessa de Neptuno) teria um exílio digno do seu talento.

5. *Illustri principi D(omino) Popponi, comiti ab Henneberg, Henricus Glareanus S(alutem) D(icit)*. Esta epístola dedicatória de Glareano (o alemão Heinrich Loriti de Glaris, escritor do séc. xvi), que precede o seu comentário às *Metamorfoses* de Ovídio, tem o interesse de retomar uma polémica que já vinha de longe, do tempo de Mamerco Emílio Escauro, que acusava Ovídio de repetir indefinidamente uma série de tópicos — acusação que Glareano rejeita vigorosamente.

6. *Ioannes Loe Lectori S(alutem dicit)*. Carta ao leitor, do impressor dos Países Baixos Jean vander Loe ou Loëus, de meados do séc. xvi, na qual este justifica a inclusão, num volume de obras de Ovídio, do opúsculo de Ptolemeu *De stellis inerrantibus*, sustentando que o conhecimento da astronomia é um precioso auxílio da compreensão dos poetas.

7. *Reuerendissimo in Christo patri ac honoratissimo Domino, D(omino) Guilielmo, Cantuarensi Episcopo, totius Angliae Primati ac Metropolitano, Regiae Maiestati (sic) a Consiliis Sanctoribus, et Academiae Oxoniensis Cancellario*. Epístola simultaneamente dedicatória e laudatória, de Thomas Farnaby (séc. xvii). Trata-se de uma carta de um homem de letras ao seu protector, *patronus* e mecenas: graças a ele, saiu da prisão, graças a ele, os seus trabalhos sobre as *Metamorfoses* vêem a luz.

8. *Christinae Augustae Nicolaus Heinsius d(at), d(edicat)*. O maior interesse desta carta, endereçada por Nicolau Heinsius (filólogo holandês filho de Daniel Heins [vd. composição n. 3] do séc. xvii) à rainha Cristina da Suécia, protectora de escritores e poetas (2), mulher de esmerada educação e extensa cultura, reside no facto de nela Nicolau Heinsius censurar o trabalho deficiente dos seus antecessores na edição de textos de Ovídio, e de afirmar a qualidade da sua obra, uma edição das *Metamorfoses* feita com rigor científico.

Estes textos, tematicamente reunidos em torno de Ovídio, têm o interesse de recordar e acentuar a admiração que este poeta, vítima do poder (de Augusto), despertou entre os mais diversos escritores e em tempos também diversos. Como seria de esperar, os textos reflectem, *maxime* os poéticos, a assimilação do gosto ovidiano (3).

A segunda parte da compilação, apresenta-a J. Quiñones assim: «encerrando también humanismo (Landívar), se despeña casi toda, preñada de pensamiento religioso, como no podía ser de otra manera, en poemas de jesuitas (algunos novohispanos) y biografías de religiosos escritas por hombres no menos religiosos, como lo fueron el hispano don Nicolás Antonio y el novohispano don Juan José de Eguíara y Eguren» (p. 9).

(2) Recorde-se que o nosso Padre António Vieira foi durante algum tempo seu pregador.

(3) Aspecto que o compilador acentuou, na rubrica introdutória, § 5: «Presencia de los clásicos en el *Ramillete*».

Abrange os seguintes textos (quatro em verso, quatro em prosa):

9. *Ex Trag(o)edia Iudithae Prologus*, de Stefano Tucci, jesuíta siciliano do século XVI. Em vinte e um dísticos elegíacos, uma comparação desenvolvida entre Maria e Judith, considerada esta arquétipo e prenúncio da mãe de Cristo. A forma é clássica, o conteúdo cristão.

10. *Tertius Hymnus super Psal(mum) 127*, de Pedro Flores, jesuíta mexicano (sécs. XVI-XVII) de quem pouco se conhece. Neste hino de oito estrofes alcaicas faz um elogio, sem a referir explicitamente, da figura de Inácio de Loiola, o fundador da Companhia de Jesus.

11. *Hymnus saphico carmine Pro S(anc)to Hiero(nymo)*, de Luís de Villanueva, irmão da Companhia de Jesus (ignora-se se nasceu ainda no séc. XVI se já no séc. XVII, se é espanhol se mexicano). Em doze estrofes sáficas compara S. Jerónimo a Hércules: este, apesar dos seus doze trabalhos (brevemente, mas todos, referidos) não consegue superar aquele «novo Alcides».

12. *Vrbi Guatimalae*, de Rafael Landívar, jesuíta do séc. XVIII nascido na Guatemala. Extraído da sua obra *Rusticatio Mexicana*, trata-se de um elogio-saudação à cidade sua terra natal, feito à semelhança de outros tantos elogios de terras produzidos pelos humanistas, na esteira dos clássicos.

13. *Frater Bartholomaeus de las Casas siue Casaus*, biografia da autoria de Nicolás Antonio, extraída da sua famosa *Bibliotheca Hispana Noua* [...], Madrid, 1783-88, I, pp. 191-193.

14. *Ill(ustrissi)mus D(ominus) M(agister) D(ominus) F(rater) Bartholomaeus de las Casas alias Casaus*, biografia de S. José de Eguiaira y Eguren, «primero y más notable bibliógrafo mexicano» (p. 157), extraída da sua *Bibliotheca Mexicana* (4).

15. *F(rater) Ioannes Baptista* (n. em 1555, no México), biografia de Eguiaira y Eguren (vd. n.º anterior) (5).

16. *F(rater) Ioannes de Torquemada* (espanhol de origem, mexicano de adopção). Idem, ibidem (6).

Neste conjunto final de biografias de homens intimamente ligados à história do México, registre-se o interesse posto na figura de Bartolomé de las Casas, o Apóstolo das Índias, o dominicano que, contra tantos outros, lutou para acabar (ou suavizar o mais possível) com a exploração desumana de que foram alvo os índios por parte dos colonos espanhóis, ávidos de riqueza. Nesta luta, Juan Ginés de Sepúlveda, famoso humanista espanhol, foi o seu mais directo e feroz opositor.

Estes são os textos que se nos oferecem no *Ramillete neolatino*. Como já foi dito, J. Quiñones entendeu organizar algum material que as suas indagações, sobretudo as bibliográficas, lhe foram fornecendo. Daí que qualquer juízo de valor sobre os

(4) *Bibliotheca Mexicana siue eruditorum historia uirorum qui in America Boreali nati* [...], Tomus I exhibens litteras ABC. Mexici, Ex noua Typ. in aedibus authoris, 1775, pp. 363-376.

(5) Extraída da parte manuscrita da obra referida na nota anterior, III, ff. 841-849.

(6) Extraída da parte manuscrita da obra referida na n. 4, IV, ff. 1172-1175.

textos apresentados, se revele inoportuno: sendo tão diferentes no tema e no estilo, nos objectivos que perseguem e ainda nas suas coordenadas espaço-temporais, eles não de ter por força o seu interesse, o interesse que resulta da perspectiva em que cada um (cada leitor) se colocar. De resto, o próprio compilador está consciente de que nem todos os textos serão «flores». Não era esse o seu objectivo nem deverá ser a nossa exigência, sobretudo se nos lembrarmos de que, como dizia Marcial, não há livro em que não convivam o bom, o mediano e até o mau...

E por falar em bom: um aspecto que muito contribui para valorizar o trabalho de J. Quiñones é o facto de os textos aparecerem longa e criteriosamente anotados, ainda que, nalguns casos, a preocupação didáctica pareça excessiva (7), ou a nota seja, porventura, menos adequada (8), ou mesmo pouco correcta (9). Refiram-se, a título de exemplo, duas ou três notas desenvolvidas e esclarecedoras: as notas 2, 3 e 5 (pp. 95-98), sobre as opiniões de M. Escauro, Séneca-o-Antigo, Aulo Gélío e Quintiliano respeitantes à arte de Ovídio; mas refiram-se sobretudo aquelas que — e são inúmeras — se prendem com a geografia e a história dos primeiros tempos da colonização espanhola no México.

A tradução dos textos apresentados figura, como se disse, em apêndice. Trata-se de um complemento muito útil porque facilita a sua abordagem, tornando-os acessíveis à maioria dos interessados, estudiosos ou não. Mas, como acontece com qualquer tradução, também em relação a esta é possível apresentar discordâncias. E a primeira respeita à tradução dos textos em verso: teria sido preferível que fosse menos alatinada e mais fluente; daí resultaria uma clareza que nem sempre existe, o que leva a que, por vezes, seja preciso recorrer ao original para perceber a tradução... A afirmação é também extensiva, embora em menor escala, aos textos em prosa (10). Diferente é o caso de alguns passos cuja tradução se nos afigura incorrecta. Men-

(7) É o caso, por exemplo, da nota 97-98, p. 76: «*Homerum* ... El célebre autor de la *Illiada* y la *Odisea*».

(8) Assim, por exemplo, a nota 10 (p. 98), na qual, a pretexto da afirmação (de Glareanus) de que Quintiliano apenas tornou mais obscura a retórica enunciada por Cícero, se diz: «Cicerón (106-43 a.C.) fue un autor polifacético, celoso defensor de la República, gran conservador y el mayor representante del género oratorio.» Esta nota em nada contribui para o esclarecimento do texto, já que nele se fala de retórica, na nota fala-se de oratória...

(9) Vd. n. 11.

(10) Para dar apenas um exemplo, o dos vv. 27-28 do poema de Juan Iriarte, que rezam assim:

*Est mihi prae reliquis iuuenis dilectus alumnis,
qui Gades seruant, litora amata, meas.*

Foram traduzidos deste modo:

«Comigo está un joven, dilecto sobre restantes alumnos
que Cádiz mías, costas amadas, guardan.»

Um outro exemplo: o início da carta de Thomas Farnaby a D. Guilherme, bispo de Cantuária (texto latino, pp. 106-107; tradução, p. 227).

cione-se, a título de exemplo, o início da carta de Glareano ao conde de Hanneberg, um passo um tanto rebuscado que parece não ter sido devidamente compreendido (11).

Mas estas pequenas achegas, e outras que pudessem fazer-se, não pretendem, nem podem, empalidecer o interesse da obra em análise. Ela testemunha o grande trabalho e dedicação do seu autor; além do mais, por meio dela temos possibilidade de conhecer, exceptuado o caso de textos de outra proveniência, parte de um valioso manuscrito, o MS. 1631 da Biblioteca Nacional do México, manuscrito este que é, no dizer de Ignacio Osorio Romero, «hasta ahora, la fuente más rica y copiosa de textos que documentan la historia del neolatín novohispano de fines del siglo XVI y los primeros años del XVII.» (12)

Finalmente: trata-se, este *Ramillete neolatino*, de uma obra que nos leva da Europa ao México sem nos «despaçar» linguisticamente, uma obra que prova que o (neo)latim não tinha (nem tem) fronteiras.

VIRGÍNIA SOARES PEREIRA

(11) Eis o seu texto (p. 95):

«*Saepe numero mecum mirari soleo, illustris princeps, unicum nostrae aetatis decus, naturae ne malitia, an hominum ascita petulantia fiat ut nihil tam bene, nihil tam feliciter nascatur quod non quorundam cauillationi pateat.*»

Confronte-se a tradução feita (p. 224):

«Muchas vezes, de pronto, suelo admirarme conmigo, ilustre príncipe (única prez de nuestra edad), de que la astucia de la naturaleza o la postiza petulancia de los hombrae haga que nada tan bien, nada tan felizmente nazca, que no se esclarezca por la subtileza de algunos, [...]»

Acrescente-se que as próprias notas ao passo (p. 95) revelam que o autor, numa leitura talvez mais apressada, não entendeu a sintaxe do texto. Convém, portanto, que a tradução seja sempre confrontada com o original.

(12) Ignacio Osorio Romero, «Doce poemas neolatinos de fines del siglo XVI y novohispano», in *Nova Tellus* (Anuario del Centro de Estudios Clásicos), publicação da Universidade Nacional Autónoma do México, 1 (1983) p. 171.

SILVIA VARGAS ALQUEIRA, *Catálogo de obras latinas impresas en México durante el siglo XVI*, Universidad Nacional Autónoma de México, México, 1986, 163 págs.

É, por vezes, difícil ao estudioso de outras épocas e, concretamente, àquele que se dedica à literatura do passado, encontrar toda a produção literária de um autor. Com efeito, mesmo percorrendo bibliotecas e arquivos, folheando vastos volumes, acontece que sempre escapa uma referência que não foi encontrada ou um texto que vinha publicado juntamente com a obra de outro autor. É trabalho moroso e paciente, para resultados, quantas vezes, inglórios. Daí que a publicação de catálogos seja sempre da maior utilidade, pois conduz, rapidamente, o investigador até à obra procurada, poupando-lhe tempo precioso.

Por isso, este Catálogo sobre as obras impresas no México no século XVI é um bom exemplo do que pode ser feito em trabalho de equipa, pois só assim se poderá entender uma boa investigação.

Segundo a autora nos diz na Introdução, esta obra está integrada num plano mais vasto do Centro de Estudos Clássicos, dentro do acordo que existe entre a Universidade Nacional Autónoma do México e a Universidade de Roma. Assim, uma primeira etapa contempla a «Catalogação das obras latinas impresas no México durante a época colonial»; uma segunda etapa tratará a «Catalogação das obras latinas manuscritas»; e uma terceira dedicar-se-á à tradução e estudo dessas obras.

Trata-se de um plano bem estruturado do qual esta obra é a primeira publicação.

As fichas apresentam indicações muito completas que vão desde a descrição externa da obra à transcrição do índice, indicações biográficas dos nomes citados e relação das bibliotecas e arquivos onde a obra pode ser encontrada. Por vezes há mesmo a transcrição de textos completos, como é o caso de algumas cartas inteiramente transcritas ou de poemas de curta extensão.

A divisão é feita por temas: Filosofia, Religião, Teologia, Direito, Textos para o ensino do Latim, Ciências Aplicadas e Literatura. Este último capítulo está dividido em Prosa e Poesia, sendo a parte referente à Prosa subdividida em várias alíneas que abrangem os diversos géneros da época (as Dedicatórias, os Diálogos, as Epístolas, os Epitáfios). Ao todo 173 títulos que nos dão uma ideia da produção bibliográfica nesse período de tempo, o século XVI.

O volume termina com uma lista das obras consultadas, um Índice Cronológico e um Índice Analítico, elementos importantes para uma mais rápida consulta.

ISALTINA MARTINS